

O papel do ator The role of the actor

JUNIOR DA CUNHA¹

Há algum tempo penso em escrever minhas considerações sobre aquela que julgo ser a mais completa e expressiva das manifestações artísticas – a atuação. Deleuze, em *A imagem-tempo* (2005), com base nas produções cinematográficas do que chamou de cinema clássico, escreveu sobre uma potência que força a pensar e que pensa sob o choque (*noochoque*) que o cinema é capaz de provocar em seus espectadores. No entanto, é necessário reconhecermos que o cinema só é possível porque o teatro lhe antecedeu.

O germe do que Deleuze chama de *noochoque* já fora inicialmente descrito em a *Poética*, por Aristóteles. Entretanto, vamos mais fundo: se o teatro é capaz de provocar a *catarse* é porque os Aedos, inspirados pelas Musas, lhe antecederam. O que há de comum no que Deleuze chama de cinema clássico, no teatro e nos cantos inspirados pelas Musas é a presença irretorquível de um interprete. De um ser capaz de se desvencilhar de seu próprio eu e assumir uma identidade que passa do consciente ao inconsciente, e que provoca uma fenda na concretude do espaço-tempo, ou melhor, na fenomicidade do real.

Dos Aedos, que aceitavam serem os porta-vozes das Musas, aos atores, que transformam, sobre o palco – de arena, elisabetano, italiano etc. –, palavras em gestos e emoções, e, aos atores, que se deixam captar pelas câmeras, criando uma realidade ficcional, mas que se espelha e se matem paralela a realidade mesma, há aquele sobre o qual recai o peso de ser o portador do que se passou e do que ainda está por vir. Eis o que de fato é um ator: um eterno devir. Devir de si mesmo. Devir da história e da cultura de seu tempo. Devir de toda multiplicidade da natureza.

Se parecer por demais o que cabe aos atores, lembre-se das palavras do Príncipe Dinamarquês:

[...]o propósito da representação, cujo fim, tanto no princípio como agora, era e é oferecer como se fosse um espelho à natureza, mostrar à virtude seus próprios traços, ao ridículo sua própria imagem e à própria idade e ao corpo dos tempos sua forma e aparência (Hm, III.ii., p. 248).

O fado inelutável de um ator, portanto, é comportar em si mesmo toda a multiplicidade e, mais ainda, fazê-la emergir da imanência de seu ser.

¹ Acadêmico do Curso de Graduação em Filosofia da UNIOESTE. E-mail: juniorlcunha@hotmail.com

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- CARVALHO, E. *História e formação do ator*. São Paulo: Ática, 1989.
- DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Trad. Barbara Heliodora. In: *Grandes obras de Shakespeare*. Vol. 1: Tragédias. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Submissão: 10. 11. 2019 / Aceite: 30. 03. 2020